

AVALIAÇÃO EDUCACIONAL: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO- CONCEITUAL

Carla Dornelles da Silva¹

Ana Paula Vasconcelos de Oliveira Tahim²

Marcos Antonio Martins Lima³

RESUMO

A avaliação, enquanto fenômeno científico é constituída pelos aspectos filosóficos de identidade no julgamento de valor e tomada de decisões a partir do conhecimento diagnosticado por este processo avaliativo. Basicamente, as diversas definições sobre avaliações podem ser apresentadas na forma de um *continuum*, valorizando os aspectos de juízo de valores e de tomada de decisões. Considerando esta linha de pensamento, torna-se necessário contextualizarmos o percurso histórico da avaliação. Revisitar o passado para compreendermos o presente e, talvez, desvelar o futuro, na perspectiva de ir além do que está estabelecido, a avaliação deve ser vista como um processo transformador. Também, devemos considerar o caráter dinâmico e sistêmico deste processo, suas implicações com o contexto, com os valores éticos, que através das ações interativas entre os indivíduos e suas projeções de futuro que podem ou não serem previsíveis. O processo de avaliação passou por várias rupturas que resultaram em novas concepções teóricas e técnicas, partiram de conceitos de medida passaram para o enfoque dos objetivos e mais humanista. Contudo, observa-se que existem modelos de avaliações originários na Idade Média e que são utilizados até hoje e que podem permanecer no futuro. Outros, modelos, mais modernos podem assumir um caráter efêmero, sem arcabouço teórico que os sustente e tem aqueles que são inovadores, fundamentados e alinhados a atualidade.

Palavras-chave: Avaliação educacional, Histórico-conceitual, Modelos.

¹ Mestre em Educação Brasileira/UFC. Professora da Faculdade do Vale do Jaguaribe/ FVJ. Email: carladornelles@fvj.br

² Doutoranda em Educação Brasileira/UFC. Professora da Faculdade Cearense/ FAC. Email: anapaula_tahim@yahoo.com.br

³ Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Líder do GPAGE/UFC (Grupo de Pesquisa em Avaliação e Gestão Educacional) Email: marcos.a.lima@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Avaliação educacional: contextualizando um percurso

A avaliação educacional passa por um significativo questionamento que leva a uma ruptura de paradigmas e estabelece novos rumos para este processo. Assim, a avaliação educacional centraliza discussões em todos os níveis administrativos da educação, extrapola os limites escolares e foca na busca pela qualidade nos programas de excelência em que as organizações investem seus recursos (VIANNA, 2000).

Portanto deve-se considerar o caráter dinâmico e sistêmico deste processo que prevê modificações importantes do contexto educacional, dos valores éticos, das ações interativas entre os indivíduos e de suas projeções para o futuro. Para entender como a avaliação tornou-se relevante para o processo ensino aprendizagem, faz-se necessário abordá-la numa perspectiva histórico-cultural, a partir das seguintes questões: Quais as concepções históricas que fundamentam a prática da avaliação escolar? Em que momento histórico a avaliação extrapola o ambiente sala de aula (escola) para adentrar ao ambiente organizacional? Cabe, neste momento, contextualizar histórica e epistemologicamente, tanto sobre avaliação educacional, como sobre gestão escolar.

Segundo Japiassu (1996) avaliação origina-se, etimologicamente, do termo em latim a-valere que quer dizer dar valor a e, também, do latim valore, em seu sentido genuíno, coragem, valor, bravura, caráter do homem, significa aquilo que dá a algo um caráter bom, positivo. Desta forma, a concepção de avaliação deve se aproximar das questões voltadas para o saber, das discussões conceituais e teóricas. Algumas correntes filosóficas defendem que o valor dispensado a algo ou alguém, está ligado a tudo aquilo que promove a felicidade. Em outras concepções, os valores estão condicionados aos fins aos quais pretendem chegar, definindo, assim, o que é bom e o que é mau, podendo, também, ser intrínseco ou extrínseco ao sujeito.

Percebe-se que o processo de avaliação passou por várias rupturas que resultou em novas concepções teóricas e técnicas, partiu de conceitos de medida passando para o enfoque dos objetivos e mais humanista.

Lima (2008) apresenta seis rupturas epistemológicas da avaliação educacional, a primeira remonta a pré-história, desenvolveu-se, concomitantemente, ao processo de hominização, o desenvolvimento das capacidades psicológicas humanas superiores. Então,

o homem passa a realizar escolhas, para tanto, é necessário estabelecer critérios, observar, julgar e avaliar para poder existir e sobreviver, torna-se um avaliador.

Segundo o autor, antes de ser considerada ciência a avaliação escolar permaneceu por um período chamado de pantometria.

A pantometria pré-histórica estava preenchida por formas rudimentares de medida, pois ainda não havia padrões. Antes do advento do padrão metro, as coisas eram medidas com as mãos, os pés, palmos, passos, pedaços de pau, grãos de trigo ou objetos outros. A pouca consistência destes instrumentos foi sendo conhecida, percebida e refletida pelos homens a partir da sua evolução como espécie animal e do seu desenvolvimento e necessidades sociais, políticas e econômicas, passando, então a adotar padrões práticos para medidas, como tecnologia do côvado ou cúbito, que corresponde ao comprimento de um antebraço humano. (LIMA, 2008; p. 218).

Para Lima (2008), segunda ruptura epistemológica da avaliação no tocante a medição, está ligada ao uso tecnológico de um instrumento para mensurar o peso. Este consistia num pau com uma corda amarrada no meio, onde em cada extremidade eram amarrados objetos que, conforme o peso pendia para um lado ou para o outro, podendo ficar equilibrados se os dois pesassem iguais. Há registros que 3.000 a.C. os egípcios desenvolveram um sistema de pesagem mais preciso, usando pesos de pedras, influenciando as civilizações como assírias, babilônicas, caldéias, gregas e romanas.

Conforme Lima (2008) não registros suficientes sobre o processo avaliativos educacional na pré-história, sabe-se que em certas tribos primitivas há descrições ritos de passagens, principalmente, da adolescência para a vida adulta, onde eram avaliadas sua bravura, coragem, vitalidade e destreza.

Lima (2008) ressalta que na China (2.205 a.C), o imperador Shun para selecionar os servidores públicos e os oficiais realizava jogos competitivos para promovê-los, contratá-los ou dispensá-los, de acordo com a avaliação os resultados. Surge na Grécia antiga o primeiro método de auto-avaliação, conhece-te a ti mesmo, método socrático que enfatizava o exame oral em seus alunos atenienses. O primeiro emprego oral de exames, mesmo em ambientes extra-escolares, constitui uma terceira ruptura epistemológica por adotar aspectos inovadores qualitativos e diferenciados daqueles aplicados a pantometria da época.

A quarta ruptura epistemológica, segundo Lima (2008), acontece com o advento do método escolástico que aplica pela primeira vez exames escritos e orais a educação formal. Estes exames eram aplicados no ensino superior para a obtenção de título de bacharel, licenciado e doutor. A partir do ano de 1600 denota um ponto importante para a pantometria moderna, período caracterizado pela preponderância militar, político e

econômico dos países da Europa Ocidental. A ênfase ao método racionalista, a busca da cientificidade universal se constitui na quinta ruptura epistemológica.

Para o autor, o que define a sexta ruptura epistemológica foram os primeiros exames quantitativos usados na educação superior. Neste período a Psicologia fez inúmeras contribuições para a elevação da avaliação escolar a ciência, pois através da Psicometria pode atribuir notas os trabalhos dos alunos. A avaliação tinha o propósito de avaliar o conhecimento usando critérios de classificação e controle, visto que os testes eram padronizados.

Lima (2008) refere-se que a Psicometria alavancou o desenvolvimento e a estruturação do sistema de avaliação educacional, principalmente entre 1930 a 1960, fase em que os exames tradicionais tornaram-se testes. A docimologia (vem do Grego dokimé e significa nota) trata dos estudos sistemáticos exames, referente ao sistema de notas e dos comportamentos dos examinados e dos examinadores.

A partir do século XX, especificamente 1934, em plena crise do objetivismo científico e do método positivista, surgiu efetivamente o termo Avaliação Educacional. Finalmente esta atingiu a sétima ruptura epistemológica e passa a ser situada como atividade científica, ao libertar-se do domínio único da medida e adicionar os velhos aspectos qualitativos da essência do ato humano de avaliar. (Lima, 2008;p.226).

Depresbiteris(1989) ressalta a avaliação deu um salto qualitativo a partir do século XIX, porque nos Estados Unidos da América, Horace Mann (1796-1859), propôs um sistema padrão de exames, com a finalidade de melhorar a qualidade do ensino público. Apresentou três importantes sugestões que são: 1) valorizar o exame escrito; 2) ter mais questões específicas do que questões abertas e; 3) ser objetivo de acordo com o nível de escolaridade do aluno. A autora também cita J.M.Rice (1920), pesquisador americano que desenvolveu os primeiros instrumentos de avaliação no âmbito escolar, seus estudos fundamentam os programas de avaliação estaduais e municipais.

Vianna (2000) apresenta o modelo proposto por Tyler (1942), parte da premissa que educar é gerar ou mudar o comportamento, conseqüentemente, o currículo a ser

(...) construído com base na especificação de habilidades desejáveis expressas em objetivos a serem alcançados. A avaliação, na concepção de Tyler, verificaria a concretização dos objetivos propostos, a congruência entre os resultados e objetivos. Seria, pois, uma forma de validar os pressupostos em que se baseariam os programas curriculares (construtos). (VIANNA, 2000;p.50)

Segundo Vianna (2000) os pontos fundantes do modelo de Tyler (1942) apresentados de maneira resumida são:

- 1) A educação é um processo que visa a criar padrões de conduta, ou a modificar padrões anteriores, nos indivíduos.
- 2) Os padrões de conduta desenvolvidos na escola são, na realidade, os objetivos educacionais.
- 3) O êxito de um programa educacional, verificado através da avaliação depende da concretização desses objetivos.
- 4) A avaliação deve incidir sobre o aluno, como um todo, nos seus conhecimentos, habilidades, modos de pensar, atitudes e interesses, sem se concentrar em apenas elementos isolados, como na realidade, acontece nos dias fluentes.
- 5) A avaliação pressupõe diversidade de instrumental para avaliar os múltiplos comportamentos, não devendo ficar restrita, apenas, a exames escritos, como geralmente ocorre.
- 6) A avaliação não se concentra apenas no estudante, como acentua Tyler (1942), não é um ato isolado, mas um trabalho solidário que deve envolver, além de alunos, claro, professores, administradores e, sem sombra de dúvida, os próprios pais, que devem ter voz ativa no processo. (VIANNA, 2000; p.52)

O modelo de Tyler (1942) trouxe para o campo da educação um avanço significativo, principalmente, no tocante as inovações na área da avaliação educacional. Preocupando-se, também, com a construção do currículo e com a participação de alunos, professores, pais e corpo técnico administrativo da comunidade escolar. Portanto todos os envolvidos no processo de ensino – aprendizagem deve ser considerada no momento da avaliação tanto a comunidade escolar como a sociedade civil devem imbuir-se do mesmo propósito, a educação.

Segundo Parente (2010), Cronbach focou seus estudos no desenvolvimento de pesquisa, portanto, estabeleceu um novo direcionamento para a área de avaliação educacional, inseriu a avaliação de programas e instrução. Salienta que o programa educacional torna-se mais abrangente, pois se constituem por professores, alunos, meios, conteúdos, experiências de aprendizagem, organização, enfim, todo o produto educacional.

Conbrach (1963, apud Vianna, 2000; p.68) mostra que a avaliação é usada com o objetivo de tomar três tipos de decisões:

- 1) Determinar se os métodos de ensino e o material instrucional, utilizados no desenvolvimento de um programa, são realmente eficientes.
- 2) Identificar as necessidades dos alunos, para possibilitar o planejamento da instrução; julgar o mérito dos estudantes, para fins de seleção e agrupamento, fazer com que os estudantes conheçam seu progresso e suas deficiências; e
- 3) Julgar e eficiência do sistema de ensino e dos professores etc.

Neste prisma, a avaliação educacional contempla o aprimoramento do currículo, num segundo nível acompanhar os alunos que estão inseridos em algum programa de ensino e, em ultima instancia, os critérios administrativos do processo de ensino aprendizagem seriam contemplados. Desta forma, a visão da avaliação como um processo

dinâmico permitiria uma ampla pesquisa que fomentaria discussões, aprimoramento e implantação de programas educacionais.

Portanto, o trabalho de avaliar é uma atividade de equipe e, como tal, pressupõe uma ação que venha a garantir a validade das conclusões que possa chegar à consecução dos seus objetivos. A avaliação enquanto prática educacional é um fenômeno complexo, por isso considera difícil um pesquisador avaliar fidedignamente os dados levantados e tomar decisões, ponto central do modelo de Conbach (1963).

Parente (2010) salienta que outro trabalho importante desta fase, *The methodology of evaluation* de Scriven (1967), amplia o campo semântico e definindo com clareza o que deve ser feito avaliação, aborda termos como avaliação formativa e formação somativa. Este tipo de avaliação tem como finalidade validar o produto no decorrer do desenvolvimento ou para divulgação. Nesta perspectiva, a avaliação tem como questão central o julgamento de valor, onde os objetivos devem ser analisados e avaliados, numa tentativa de reduzir as distorções e aumentar a objetividade (modelo de avaliação goal-free).

Stake (1983^a apud VIANNA, 2000; p. 123) apresenta a avaliação responsiva, como modelo, bem como a metodologia para estudos de caso, considerada como grande contribuição para a avaliação qualitativa.

(...) as pessoas concentram suas atenções sobre aquilo que é comum a todos os sujeitos ou no que é singular a cada um dos elementos estudados. Stake (1983^a) lembra que a argumentação relacionada à singularidade e à subjetividade é considerada como se referindo à pesquisa e à avaliação qualitativa, e que a discussão ligada à objetividade e à comunalidade relacionar-se-ia à pesquisa e à avaliação quantitativa.

Vianna (2000) salienta que dois tipos de avaliação segundo Stake(1967), a avaliação formal que depende de alguns fatores como testes, instrumentos de controle, comparativos e padronizados. E a avaliação informal que baseia-se nas observações casuais, com objetivos implícitos, normas intuitivas e julgamento subjetivo. Portanto, a avaliação informal busca na opinião de professores para realizar a avaliação dos programas educacionais.

Parlett e Hamilton (1972, apud Vianna, 2000; p.58),

(...) reagiram à psicométrica e ao experimentalismo, propondo uma avaliação na tradição humanista, que fosse responsiva às necessidades de diferentes grupos, iluminativa do complexo organizacional, de ensino do processo de aprendizagem, relevante em relação às diferentes decisões a serem tomadas, e que fosse divulgada por intermédio de uma linguagem acessível aos diferentes

grupos interessados no assunto. A reação de Parlett e Hamilton opunha-se, assim, ao quantitativo do modelo por objetivos e procurava apresentar uma visão pragmática do planejamento e da concretização da avaliação, pretendendo, desse modo, por via de avaliação responsiva, atenuar os problemas que decorriam daquilo que acreditavam como resultante de um dogmatismo metodológico(...). Pretendiam a valorização do verbal e não do quantitativo, que decorria de uma tradição psicometrica que se impunha desde os primeiros anos do Século XX.

Segundo Vianna (2000) o modelo de avaliação educacional proposto por Stufflebeam (1971) é resultante de um processo de avaliação no ensino publico do estado de Columbus, nos Estados Unidos da América, tendo como objetivo a tomada de decisão. Este modelo ficou conhecido como CIPP – contexto, input, processo e produto que aborda de forma analítico racional, abrangendo as seguintes etapas: planejamento das decisões; estruturação das decisões, implementação dessas decisões e reciclagem das decisões, em que cada momento tem sua respectiva avaliação. No quadro 1(um) mostra os diferentes modelos de avaliação educacional.

Quadro: Modelos de Avaliação Educacional

Modelo	Enfoque	Objetivo	Implicações
Tyler (1932)	Avaliação por objetivos.	Verificar a concretização ou não dos objetivos propostos, inclusive da instituição em termos de eficiência na promoção da educação.	Educar consiste em mudar padrões de comportamento e o currículo deve ser constituído com base na especificação de objetivos a serem atingidos. A avaliação pode levar a reformulação da programação curricular e uma crítica à instituição e sua atuação fundamentada em dados empíricos.
Cronbach (1963)	Avaliação com resultados multidimensionais.	Aprimorar o currículo ao longo do seu desenvolvimento, através de um enfoque abrangente que considere os resultados multidimensionais da avaliação e os aspectos quantitativos, qualitativos e políticos, inclusive na definição do seu planejamento.	Determina a eficiência da execução do programa, do sistema de ensino e dos educadores; identifica as necessidades dos alunos a fim de facilitar o planejamento da aprendizagem e julgar o mérito dos alunos para fins de seleção e agrupamento; comunica aos alunos seus progressos e deficiências; e julga a eficiência do sistema de ensino e dos educadores.
Scriven (1967)	Avaliação de mérito.	Determinar e justificar o mérito ou valor de uma entidade.	Envolve julgamentos de valor, considera muitos fatores, requer o uso de investigações científicas e avalia uma entidade do ponto de vista formativo e somativo.
Stake (1967 e 1984)	Avaliação responsiva.	Responder aos questionamentos básicos de um programa, principalmente aqueles oriundos das pessoas	Inclui matrizes para coleta e interpretação de dados. As matrizes prevêm três corpos de dados: antecedentes (condições prévias à situação ensino-aprendizagem); transações: sucessão de relações que se estabelecem entre pessoas no processo de ensino-aprendizagem; resultados:

		diretamente ligadas a ele. Considerar as "reações avaliativas" de diferentes grupos em relação ao programa.	efeitos do processo educacional.
Parlett & Hamilton (1972)	Avaliação Iluminativa.	Iluminar, fornecer compreensão sobre a realidade estudada em sua totalidade. Verificar o impacto, a validade, a eficácia de um programa de inovação.	Requer a definição de sistemática de observação e registro contínuo de eventos, interações e comentários informais; necessita de uma sistemática para organizar e codificar os dados de observação; envolve coleta de informações através de entrevistas, questionários e análise de documentos.
Stufflebeam (1968)	Avaliação para tomada de decisão.	Fornecer informações relevantes para quem toma decisões.	Emprega enfoque sistêmico para estudos de avaliação e é dirigido pelo administrador.

Fonte: LIMA(2005)

A avaliação é reconhecida, hoje, por sua relevância ao estudar o processo ensino-aprendizagem, ela possibilita o questionamento dos problemas fundamentais da pedagogia e ao posicionamento crítico que envolve o ato de aprender. Portanto, a avaliação educacional deve contemplar as múltiplas facetas deste processo, isto é, compreender o homem em sua totalidade, historicidade, em seu contexto situacional, relacional, enfim, utilizando instrumentais tanto qualitativos e como quantitativos, a fim de se ter um expressão da realidade mais fidedigna possível. Os elementos suscitados pela avaliação escolar devem ser analisados e incorporados ao planejamento escolar e que possam vir a contribuir com o processo educacional.

Considerações finais

A avaliação educacional, nesta sociedade globalizada, passa por um profundo questionamento levando a ruptura de paradigmas, estabelecendo novos rumos para este processo. Neste período marcado pelo grande entusiasmo e pela expectativa por novas possibilidades, a avaliação educacional, conquista seu lugar nos múltiplos níveis administrativos. Desta forma, a avaliação educacional extrapola os limites, propriamente ditos, escolares, foca na busca da qualidade, nos programas de excelência em que instituições, empresas, organizações investem.

Para Lima (2008) a avaliação enquanto prática educacional é um fenômeno complexo, pois suas estruturas internas apresentam problemas filosóficos, epistemológicos, no seu caráter polissêmico de seus conceitos e das práticas em ambientes escolares e não

escolares. Esta complexidade está intrinsecamente ligada, em sua realização, ao comportamento condicionado de cada um, ao relacionamento pessoal, social e da própria instituição e, concomitantemente, sua prática recai sobre todas as variáveis do contexto educacional, desde sua concepção da ação educacional até sua finalização, numa abordagem sistêmica, de reconstrução.

A avaliação é reconhecida, hoje, principalmente, por sua relevância ao estudar o processo de ensino aprendizagem, a avaliação possibilita o questionamento dos problemas fundamentais da pedagogia e ao posicionamento crítico que envolve a ato de aprender, bem como de resignificar programas educacional, alinhando-os segundo as necessidades locais.

Portanto, a avaliação educacional deve contemplar as múltiplas facetas deste processo, isto é, compreender o homem em sua totalidade, historicidade, em seu contexto situacional, relacional, enfim, utilizando instrumentais tanto qualitativos, como quantitativo, a fim de se ter uma expressão da realidade mais fidedigna possível. Os elementos suscitados pela avaliação devem ser analisados e incorporados ao planejamento escolar e que possam vir a contribuir com o processo educacional.

Assim, outros fatores estão presentes nas diversas concepções sobre avaliação, citamos alguns: o foco, alunos, professores, aprendiz, treinando, os objetivos claros, os conteúdos, recursos, entre outros, para o desenvolvimento do programa educacional. Em relação aos critérios, consideramos: referencial da avaliação, discernimento, regras claras para julgar e avaliar. “Portanto, a partir de um modelo antigo de avaliação, o sujeito é capaz de descobrir novas formas para se chegar à superação e busca do novo. Deste modo, as novas refutações e interpretações vão sendo discutidas e nada se perde tudo se aproveita.”(Lima et al, 2010, p.102).

Referências

- DEPRESBITERIS, Léa. **O desafio da avaliação da aprendizagem**: dos fundamentos a uma proposta inovadora. São Paulo: EPU, 1989.
- JAPIASSU, Hilton F.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- LIMA, M.A.M. **Auto-avaliação e desenvolvimento institucional na educação superior**: projeto aplicado em curso de administração. Fortaleza: Edições UFC, 2008.
- LIMA, M.A.M.; MARINELLI, M. **Epistemologias e metodologias para a avaliação educacional**. Fortaleza: edições UFC, 2010.

PARENTE, F.A.C.; RODRIGUES, A.M.R. **Avaliação educacional**: uma abordagem histórica.(in Epistemologias e metodologias para a avaliação educacional.) Fortaleza: edições UFC, 2010.

VIANNA, Heraldo M. Avaliação educacional e o avaliador. São Paulo: IBRASA, 2000.